

## EDUCAÇÃO FÍSICA COMO CIÊNCIA DA PRÁTICA

Júlia Paula Motta Souza  
Sílvio Ancizar Sanchez Gamboa

### RESUMO

A Educação Física entendida como ciência *da* prática desafia a classificação das ciências em ciências básicas e ciências aplicadas e também a classificação entre ciências naturais e humanas. No entanto, A Educação Física só será uma ciência *da* prática e não *sobre* a prática se compreender a relação teoria/prática como dinâmica e contraditória. O compromisso social da produção científica poderá definir a identidade epistemológica da área neste momento, sendo que para isso a educação do aluno/pesquisador na pós-graduação deverá ser transdisciplinar e filosófica, religando conhecimento e vida, epistemologia e educação.

Palavras-chave: Educação Física. Ciência da Prática. Transdisciplinaridade.

### RESUMEN

La educación Física entendida como ciencia de la Práctica desafia la clasificación de las ciencias em ciencias básicas y ciencias aplicadas y tambien la clasificación entre las ciencias naturales y humanas. Sin embargo, la Educación Física solo será una ciencia de la práctica y no es sobre la práctica, que se comprende la relación teoría/práctica como dinámica y contradictoria. El compromiso social de la producción científica podrá definir la identidad epistemológica del área em este momento, pero para eso la educación del alumno/pesquisador de esa producción deberá ser transdisciplinar y filosófica, relacionando conocimiento y vida, epistemología y educación.

Palabras clave: Educación Física. Ciencia Práctica. Transdisciplinariedad.

A respeito da discussão sobre a cientificidade da Educação Física, BETTI (1996) classifica os discursos sobre a Educação Física em dois grandes grupos: a *matriz científica*, que concebe a Educação Física como área de conhecimento científico e a *matriz pedagógica*, que a concebe como prática social de intervenção. SANCHEZ GAMBOA (2007, p.25) situa a Educação Física no que chamou de “novos campos epistemológicos”, como uma ciência *da* prática, afirmando sua dimensão de intervenção pedagógica e aponta para a necessidade desta de superar a fase de “ciência aplicada”.

A superação do “colonialismo epistemológico” das chamadas “disciplinas mães” é fundamental para superação da fase de “ciências aplicadas”. A flutuação epistemológica na área de Educação Física deve-se ao predomínio ora das subáreas das ciências naturais (Fisiologia, Antropometria, Cinesiologia, Biomecânica) ora das subáreas das ciências humanas e sociais (Pedagogia, Antropologia, Sociologia, Filosofia, Psicologia), são as chamadas “disciplinas mães”, que “emprestam” suas técnicas, procedimentos, teorias e métodos às pesquisas em Educação Física, num processo de “colonialismo epistemológico”. A Educação Física torna-se um campo colonizado onde os métodos e as teorias destas “disciplinas mães” são aplicados, como

por exemplo, Psicologia da aprendizagem motora, Filosofia da Educação Física, Antropologia das práticas corporais, Fisiologia do esforço, etc.

O ponto de partida e o ponto de chegada são as teorias sociológicas, psicológicas, biomecânicas e a Educação Física funciona como ponto de passagem. Depois de aplicados os referenciais teóricos dessas ciências nos fenômenos da educação Física na tentativa de compreendê-los, eles retornam à matriz disciplinar confirmando suas hipóteses. Neste circuito as problemáticas da Educação Física são apenas ponto de passagem destas “disciplinas mães”, num processo de “colonialismo epistemológico”, que delinea um campo aberto a diversas apropriações.

Na mesma situação encontra-se a Educação, que também ainda está em fase de definição epistemológica e socorre-se de outras ciências como a Psicologia, Economia, Ciências Sociais, etc. No entanto, estas mesmas ciências hoje já consolidadas, também tiveram sua fase de tomar emprestado da Física e da Matemática seus métodos, sua linguagem, sua concepção de ciência e a superaram.

No entanto, pesquisar a problemática em Educação Física não deve consistir em aplicar instrumentos de outras disciplinas e depois devolver a elas o resultado desta aplicação, pois desta maneira as pesquisas responderão a questões de sua disciplina de origem. É preciso haver uma inversão do ponto de partida e do ponto de chegada, uma inversão no circuito. Para Sanchez Gamboa:

*“A superação da fase de “ciências aplicadas” e conseqüentemente das flutuações e do colonialismo epistemológico poderá acontecer com a reversão do circuito do conhecimento. Nesse caso, toma-se como ponto de partida e de chegada, a Educação Física e, como instrumental explicativo ou compreensivo, as teorias oriundas das diversas disciplinas. Isso implica a articulação de um campo interdisciplinar que tem como eixo, a natureza e a especificidade da Educação Física que articula a contribuição das várias teorias científicas, e elabora explicações e compreensões mais ricas e complexas na medida em que tece, em torno de fenômenos concretos, interpretações tencionadas por um eixo central, seja este, a motricidade humana, as ações e reações da corporeidade, a conduta motora ou a cultura corporal. Tais asserções remetem-nos a outras questões relacionadas com a especificidade dos novos campos epistemológicos e com a natureza da Educação Física”.*  
(2007, p.27)

O problema da pesquisa precisa estar situado nos fenômenos da Educação Física, daí a grande importância das discussões sobre a identidade epistemológica da área, a busca da especificidade do objeto, a redefinição de conceitos e a criação de novas denominações para identificar novas abordagens ou mesmo propor uma nova ciência.

Para exemplificar uma proposta de criação de uma nova ciência, destacamos Manuel Sérgio que vem, há mais de vinte anos, falando de uma mudança de paradigma no seio da Educação Física através da Ciência da Motricidade Humana (CHM), que para ele marca a passagem de uma cultura dualista, originada há muito tempo na Grécia antiga e que vê o corpo como algo inferior e separado da alma, para uma cultura não-

dualista, na qual o corpo-sujeito é o todo, o ser humano completo e inteiro que se move e age intencionalmente.

Para Sérgio (2003) a Ciência da Motricidade Humana é uma ciência humana que estuda o homem como complexidade em movimento incessante e intencional à transcendência. “A CMH não significa somente uma mudança de convicções (teoria), mas também mudança de atitudes (prática). Nela, portadora de um novo espírito científico, cada ser humano é um projeto infinito, onde o sentido da transcendência é transcendência de sentido...” (p.57). Neste paradigma da corporeidade, a motricidade humana, ou o corpo em ato, em movimento intencional, manifesta que o ser humano é um ser para o mundo, ser para os outros, ser para a transcendência. Para este autor o termo *ciências do esporte* ou *ciência do esporte* absolutiza somente este aspecto da motricidade humana, subalternizando as demais condutas motoras, sendo um termo que não abrange a motricidade inteira. (SERGIO, 1987, p. 153-154).

A preocupação e o esforço dos pesquisadores da área de Educação Física com as questões teóricas e metodológicas revela o desejo de encontrar uma nova forma de fazer ciência e ultrapassar a fase da “ciência aplicada”, que se caracteriza pela apropriação simples e muitas vezes acrítica dos métodos e teorias desenvolvidas em outras áreas.

Na inversão do circuito, o eixo da sistematização científica da Educação Física são os fenômenos da corporeidade, da motricidade humana, da cultura corporal, da expressão corporal, do movimento e as demais disciplinas (Fisiologia, Filosofia, Sociologia, etc) são acionadas a dar sua rica contribuição para, posteriormente, o circuito se completar na volta aos fenômenos em que se originaram. O movimento cognitivo é dos fenômenos para os fenômenos, num movimento prática-teoria-prática, completando-se na volta aos fenômenos com explicações, compreensões e propostas de transformações.

Para Sanchez Gamboa (2007, p.28), a Educação Física, assim como outros “novos campos epistemológicos” cujo objeto de pesquisa é a ação, a prática, desafiam as atuais classificações das ciências, divididas em básicas e aplicadas, pois não é fácil sustentar a Educação Física como ciência básica e não é bom para o crescimento e maturidade da área mantê-la como ciência aplicada, pelas razões do colonialismo epistemológico, acima expostos.

Para superação desta posição de ciência aplicada uma alternativa pode ser entendê-las como ciências práticas, ou ciências *da* ação. A Educação Física, assim como a Pedagogia, a Política e a Ética tem na ação prática o alvo de sua elaboração científica<sup>1</sup>. Na Educação Física o ponto de partida e o ponto de chegada são os fenômenos do movimento humano, da cultura corporal, da motricidade.

No entanto, a proposta da Educação Física como uma ciência *da* e *para* a prática, só representa um avanço para a área se for considerada a *relação* dinâmica e contraditória que existe entre teoria e prática, caso contrário corre-se o risco de ser uma teoria *sobre* a prática.

São de dois tipos as abordagens mais frequentes sobre a relação teoria e prática, que apesar de situarem-se em pólos opostos, tem em comum a busca da união e do equilíbrio entre teoria e prática.

A primeira abordagem defende o primado da teoria. A prática é somente a projeção das idéias e busca coincidir o máximo possível com estas. Nesta concepção, a melhor prática é a que menos se desvia da teoria, que é elaborada previamente. Deve

---

<sup>1</sup> O ato moral é o objeto da Ética, o ato político, o objeto da Política e o ato educacional o objeto da Pedagogia.

haver uma coincidência, uma sobreposição entre o que foi pensado, idealizado e o que foi feito.

No pólo oposto, temos a outra concepção, que afirma o primado da prática. A prática é o critério para todas as coisas e a teoria deve ajustar-se a ela. É uma visão pragmática e utilitarista, que considera a melhor teoria aquela que mais pode explicar a prática, que já é realizada.

Cada uma parte de um extremo, mas ambas buscam o consenso, a união, o acordo, a identidade, a coincidência entre esses fatores. Na primeira, a verdadeira prática é a que mais coincide com o pensamento e na segunda o verdadeiro pensamento é o que mais coincide com a prática.

Uma terceira abordagem concebe a relação entre teoria e prática não como o ajuste entre elas, mas como conflito e tensão, numa relação dinâmica e contraditória. (SANCHEZ GAMBOA, 2007, p.37-54). Para compreendermos esta abordagem é necessário perceber a existência da unidade entre teoria e prática, que são apenas duas faces da mesma moeda, sendo que uma não existe sem a outra.

Toda prática, por mais simples que seja, um dia foi pensada. Qualquer prática supõe objetivos, normas, intencionalidade, motivos, justificativas, às vezes explícitas, evidentes ou declaradas; outras inconscientes, escondidas ou supostas. Por isso, quando uma prática é submetida a uma análise podem revelar-se pressupostos ontológicos e gnosiológicos complexos. (SANCHEZ GAMBOA, 2007, p. 49). Da mesma forma, toda teoria é teoria de uma prática. A análise mais atenta de qualquer teoria, por mais elementar que esta que seja, pode revelar pressupostos muitas vezes ocultos e jamais refletidos por quem a usa. A existência da teoria depende da existência da prática e vice-versa.

Nesta concepção dialética, de tensão e inter-relação entre os dois pólos, a função da teoria não é explicar a prática e muito menos a função da prática é comprovar a teoria. A melhor teoria é que mais questiona e tenciona a prática e a melhor prática é que mais tenciona e questiona a teoria. A relação entre teoria e prática deve ser sempre de conflito e tensão.

Apenas quando a teoria está em tensão com a prática é que ela consegue ser uma teoria *da e para* prática e não *sobre* a prática. O circuito prática-teoria-prática só será verdadeiro se baseado na tensão dialética entre teoria e prática, caso contrário corre-se o risco das pesquisas “irem” à prática apenas “coletar” dados, gerando uma pesquisa *sobre* a prática, mas sem compromisso com ela. Este circuito prática-teoria-prática tem relação direta com o circuito base de toda pesquisa que é pergunta-resposta-pergunta.

Toda pesquisa deve basear-se na dialética entre uma pergunta qualificada e sistematizada e uma resposta científica. O conhecimento sempre surge da dúvida. A pergunta da pesquisa surge das indagações, suspeitas, curiosidades, dúvidas sobre problemáticas e temáticas desconhecidas. Essas indagações e curiosidades iniciais sofrem um processo de sistematização e qualificação dando origem a uma pergunta capaz de gerar e motivar uma pesquisa: “*um projeto de pesquisa se resume na formulação exaustiva de uma pergunta concreta sobre uma problemática significativa, localizada no mundo complexo da necessidade.*” (SANCHEZ GAMBOA, 2007, p. 115).

As perguntas geradoras das pesquisas têm sua origem no mundo da necessidade, no tempo e local histórico do pesquisador. O processo de elaboração da pesquisa corresponde a busca de respostas a essas perguntas, que originam-se nas necessidades identificadas pelo pesquisador. Uma vez obtidas as respostas para os fenômenos indagados através do processo da pesquisa, essas respostas tornam-se novos pontos de

partida para novas dúvidas e novas perguntas, assim o conhecimento avança infinitamente num circuito dialético pergunta-resposta-pergunta.

A Educação Física, além de desafiar a classificação de ciências básicas e ciências aplicadas, pelos motivos acima expostos, desafia especialmente a classificação em ciências naturais e humanas, já que em seu bojo encontram-se tanto as ciências humanas como as naturais. Saviani (1991), ao definir a natureza e especificidade da Educação, diz que esta é um trabalho não-material, cujo processo se dá ao mesmo tempo que a atividade e produz no homem a sua segunda natureza. A primeira natureza do homem é sua constituição biofísica e a segunda natureza é a cultura. Sem a cultura, sem a produção desta segunda natureza, o ser humano não se humaniza, a exemplo dos inúmeros casos das crianças criadas por animais. A segunda natureza é a condição de humanização da espécie humana e a Educação atua diretamente nesta construção:

*“o que não é garantido pela natureza tem que ser produzido historicamente pelo homem; e aí se incluem os próprios homens. Podemos, pois dizer que a natureza humana não é dada ao homem, mas é por ele produzida sobre a base da natureza biofísica. Consequentemente, o trabalho educativo é o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a natureza que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens. (Saviani, 1991, p.21)*

A Educação Física situa-se no limiar desta imbricação entre as duas naturezas e pode revelar com sua ação educativa o quanto é falsa e reducionista esta separação e apontar um caminho para superação destas divisões artificiais da realidade, que a ciência positivista veio determinando ao longo do tempo. A humanização do corpo, do gesto, do sentir, do agir, do mover-se, do pensar, do falar, do conhecer, do expressar... é uma só humanização e deve ser feita de forma integral e total, se pretendemos superar a esquizofrenia do mundo moderno atual.

Esta especificidade da Educação Física de situar-se no embricamento das chamadas duas naturezas e de sua condição “ambígua” dentro desta classificação, pode forçá-la a querer superar esta classificação, que a coloca numa incômoda situação de indefinição epistemológica, pelas flutuações acima descritas.

Sabemos que não é de hoje a rivalidade entre “as duas culturas”. De um lado a científica ortodoxa e de outro, a cultura humanística e junto com ela a ciências humanas, que não puderam jamais gozar do mesmo status que as ciências naturais, por não serem capazes de isolar o sujeito como a primeira julga fazer. As ciências humanas se constituíram no século XIX a partir das bases epistemológicas das ciências naturais e a enorme confusão metodológica das ciências humanas explica-se por terem ficado inicialmente fascinadas pelo modelo da ciência rigorosa e terem tentado fazer uma transposição desse modelo para os estudos humanos, o que obviamente não funcionou, pois não é possível ao sociólogo se colocar de fora da sociedade para estudá-la; o mesmo acontece com o historiador em relação à história, com o lingüista em relação à língua, e assim por diante.

Um dos pontos centrais da rivalidade entre as duas culturas - a científica e as humanidades - diz respeito ao relativismo. Para os defensores das ciências ortodoxa toda explicação valorativa e subjetiva é considerada relativista e não-científica, o que

acaba por criar um abismo aparentemente intransponível entre as ciências e as humanidades.

A Educação Física carrega dentro de si as duas culturas, as duas formas de racionalidade, as duas formas de produzir conhecimento, o que gera sofrimento e conflito entre seus atores, além de dificuldade de comunicação, pois cada grupo apóia-se em formas diferentes de compreensão da realidade.

No entanto, trazer em seu ventre duas culturas pode ser justamente sua grande potencialidade neste momento de partejamento que estamos vivendo. A intensa crise civilizacional gera a necessidade de construção de um outro mundo possível. Estamos todos sendo chamados a partejar uma nova civilização, um novo modelo econômico, político, social, energético, alimentar... e, também, a partejar uma terceira cultura científica, que supere a separação dualista das antigas “duas culturas”.

Sem dúvida, a ciência moderna encontra-se no centro das questões com que o século XXI marcará nossa evolução histórica e vivemos claramente o que Kunh (1975) chamou de revolução científica, que ocorre quando as teorias científicas da “ciência normal” não dão mais conta de responder aos problemas que lhe são apresentados, gerando uma mudança de paradigma, cuja justificação reside mais em fatores externos à ciência e que influenciam sua prática.

Vivemos um momento de revisão dos modelos e cânones científicos, na busca de uma ciência que tenha mais relação com a vida. Neste processo, o colapso das duas culturas é uma realidade. O mito da neutralidade científica não pode mais se sustentar e por isso a reintegração dos fatos e dos valores é uma necessidade premente. Essa realidade já se apresenta em inúmeros movimentos concretos, como, por exemplo, na existência do Fórum Mundial Ciência e Democracia<sup>2</sup>, que luta por uma ciência comprometida com a sociedade.

Estamos diante de um quadro totalmente novo, uma intensa crise civilizacional, o capitalismo bambeando e novas alternativas sendo gestadas. O Fórum Mundial Ciência e Democracia traz também sua contribuição nesta construção, mostrando que existem novas formas de fazer ciência, que a ciência moderna originada da revolução científica não é o fim da história, assim como o capitalismo também não é. Mostrando que é possível à ciência reatar suas relações com a filosofia, rompidas com o positivismo, que instituiu uma verdadeira blindagem à filosofia. Dentro desta revolução científica, cada campo científico em particular tem contribuições próprias a fornecer.

A Educação Física, que tanto já serviu ao sistema produzindo corpos fortes, disciplinados e apolíticos tem agora a oportunidade de ser contra-hegemônica e produzir corpos autênticos e realizadores de movimentos críticos, porque com autoria. O movimento próprio, com autoria, com autenticidade, é um movimento crítico. Assim, de servidora ao sistema, a Educação Física pode saltar para construtora de um novo mundo possível.

A Educação Física enquanto portadora das duas culturas em seu ventre pode ser uma rica área de confluência para a gestação e nascimento dessa terceira cultura. A superação da dualidade entre ciências naturais/ciências humanas é a mesma superação de todas as outras dualidades: corpo/mente, interior/exterior, teoria/prática, razão/intuição, sujeito/objeto, pensamento/sentimento, etc. É a busca pela complementaridade dialética entre os pares que parecem opostos. Por isso, a discussão sobre se a Educação Física se apoiará nas ciências naturais ou humanas talvez não faça muito sentido neste momento.

---

<sup>2</sup> Para aprofundamento consultar <http://www.forumsocialmundial>. Acesso em 31/03/2009.

Também porque quando dizemos “ciências naturais” ou “ciências humanas” não estamos falando de blocos homogêneos. As diferenças epistemológicas intra-áreas são enormes. Na física, por exemplo, há muitos que falam sobre a física quântica e suas diversas repercussões para todo o paradigma científico, assim como para a sociedade. Para dar apenas um exemplo, Heisenberg e Bohr afirmam que não é possível observar ou medir um objeto sem interferir nele, sem o alterar, a ponto que o objeto que sai de um processo de medição não é o mesmo que lá entrou, o que põe por terra toda pretensão de objetividade em qualquer tipo de pesquisa. Há, no entanto, os físicos que não reconhecem toda essa força de transformação na ciência através das descobertas da física quântica. O mesmo dentro das ciências humanas. Ainda existe muito de positivismo e aspiração objetivista no trato científico com os fenômenos humanos. Dentro de todos os campos científicos existe o conflito de muitos interesses. Não bastam as ciências sociais ou humanas serem tomadas como referência, pois elas não são homogêneas e nem naturalmente críticas.

A legitimidade da Educação Física enquanto ciência poderá vir de seu compromisso social, ou seja, quando os fins da pesquisa tornam-se mais importantes do que os meios. O que pode trazer identidade a uma disciplina prática e que ainda não possui identidade epistemológica definida, como é o caso da Educação e da Educação Física, “é sua **responsabilidade social**, ou seja, a sua vinculação com a solução de problemas concretos sob o marco de uma instituição social”, diz Ribes acertadamente (RIBES apud FREITAS, 1995, p.86), (grifo no original).

Além disso, para Santos (1996), neste partejamento de uma nova ciência, todo conhecimento científico natural é científico social:

*“A distinção dicotômica entre ciências naturais e ciência sociais deixou de ter sentido e utilidade. Esta distinção assenta numa concepção mecanicista da matéria e da natureza aque contrapõe, com pressuposta evidência, os conceitos de ser humano, cultura e sociedade. Os avanços recentes da física e da biologia põem em causa a distinção entre o orgânico e o inorgânico, entre seres vivos e mataria inerte e mesmo entre o humano e o não-humano.”(p. 61)*

Portanto, a divisão artificial entre ciências naturais e ciências sociais ou humanas será superada por esta nova ciência que está na forja e que será necessariamente transdisciplinar. A transdisciplinaridade é uma nova forma de pensar e conhecer o real, que exige que abramos mão dos reducionismos mecanicistas.

*“A transdisciplinaridade é um modo de conhecer, e de conhecer o conhecimento. Um modo de pensar, e de pensar o pensamento. Recusa a separação rígida dos saberes e os especialismos cegos. Religa o que o pensamento cartesiano separou e os mecanicismos dilaceraram. Recusa a fratura entre subjetividade e objetividade. Recusa a cisão entre inteligência e sensibilidade. Recusa o abismo entre as ciências, e entre elas a filosofia, a arte, a poesia, a experiência vivida no cotidiano.” (ANTÔNIO, 2002, p.27-28)*

Concretamente temos mais de duas dezenas de mestrados e uma dezena de doutorados que estão a produzir anualmente um volume considerável de conhecimento. O que fazer para que estas dissertações e teses não sirvam apenas às exigências legais de titulação acadêmica, ao carreirismo... e possam realmente responder aos anseios e necessidades de um tempo e local históricos? Como evitar que o compromisso com a sociedade que financia a pesquisa seja sacrificado em função da titulação a qualquer custo, do cumprimento de prazos, do formalismo academicista, etc. Como educarmos o aluno de pós-graduação para este novo espírito científico? Como sensibilizá-lo para os dramas do mundo?

Uma resposta possível para esta pergunta pode ser encontrada na transdisciplinaridade, que pretende religar conhecimento e vida, epistemologia e educação. A transdisciplinaridade representa também uma reeducação da inteligência e da sensibilidade. Uma educação transdisciplinar torna-se necessária na pós-graduação para religar o que está dissociado: natureza/cultura, sensibilidade/racionalidade, conhecimento/auto-conhecimento, cognitivo/afetivo, indivíduo/sociedade, ciências naturais/ciências humanas.... Sem a transdisciplinaridade a inteligência lógica continuará a dilacerar o conhecimento, a realidade e a si mesma, reduzindo a razão a instrumento utilitário. Severino Antônio propõe uma recriação poética para a razão:

*“É preciso repensar a razão, no sentido de uma razão complexa, capaz de dialogar com a inusitada complexidade do mundo e dos seres humanos. Uma razão reunificadora dos saberes e recriadora da racionalidade. Muitas vezes, em outros textos, temos escrito: uma razão poética, que reconheça os seus limites, que dialogue com as outras vozes que expressam o real – sem querer reduzi-las à lógica, nem desprezá-las como erro, ilusão, engano, engodo. Uma razão que não recuse o diálogo com os símbolos complexos, mas que – ao contrário – redescubra a definição etimológica de inteligência: intus legere, ler dentro, ler nas entrelinhas. Uma razão criativa, capaz de dialogar com os mistérios do mundo. Uma razão capaz de repensar-se, e que se reconstitua, com novos modos de pensar, que possam ir além do raciocínio lógico-causal, linear e unidimensional, que também é necessário, mas não é suficiente” (ANTÔNIO, no prelo)*

Para não dissociar o conhecimento de sua destinação humana, para tocar o aluno/pesquisador para os dramas e dores do mundo e despertá-lo para a premente necessidade de ação transformadora, é preciso um outro tipo de educação na pós-graduação, é preciso uma educação que religue inteligência e sensibilidade, conhecimento e vida.

O aluno da pós-graduação precisa sair dos laboratórios e dialogar com a sociedade. Mas, para haver diálogo com a sociedade em condições de simetria, conforme a proposta de Santos (2005) na *ecologia dos saberes*, é fundamental o reconhecimento de outras formas de compreensão do real, é preciso abrir mão da arrogância científicista que produz a *monocultura do saber*, admitir o reconhecimento



dos limites do conhecimento científico e da razão instrumental e se abrir para a polissemia infinitamente criativa do mundo.

Religando o que foi desconectado, razão e sensibilidade juntas podem dar conta de produzir um conhecimento genuinamente vivo, contextualizado, complexo, concreto, comprometido *em aliviar as misérias do mundo*, na expressão de Bertold Brecht. Conhecer exige mais contextualização e concretude e menos análise e abstração. Com a reeducação da razão e da sensibilidade, o conhecimento vincula-se fortemente a sua significação social e humana.

A *ecologia dos saberes* parte da premissa de que não existe conhecimento total e nem tão pouco ignorância total. Esse reconhecimento desperta o desejo de aprender, desperta o desejo de encontrar caminhos para superação das dificuldades, promove o encontro da reflexão própria e a indescritível alegria de perceber-se como sujeito da história. Reconhecer a própria incompletude e a incompletude de seu conhecimento, abre espaço para o cultivo da humildade. Uma postura humilde é o que possibilita o verdadeiro conhecimento, produtor de sabedoria e transformação e não apenas de dados e informações. Já nos ensinava o sábio Sócrates que a maior de todas as sabedorias é admitir a própria ignorância. Quanto mais percebermos que “nada sabemos”, mais capazes seremos de aprender alguma coisa - que sempre será *nada* perto da imensidão que há a saber... A humildade é o primeiro passo, a condição básica para crescermos em conhecimento.

Uma das facetas cruéis da crise civilizacional é a extrema fragmentação do conhecimento, a dissociação sujeito e objeto e o deslocamento deste de seu contexto e interdependências. A crise global reflete-se e é reflexo também de uma crise epistêmica, que dissocia homem/natureza - autorizando a exploração desta por aquele.

Através de uma nova matriz transdisciplinar, que religa os saberes, que religa ciência e filosofia, pode-se compreender que a crise alimentar, energética, econômica, financeira... relaciona-se com a Educação Física. A filosofia pode proporcionar uma visão do todo, uma compreensão de que está tudo dentro da mesma lógica, do mesmo sistema, da mesma matriz epistêmica.

A educação na Pós-Graduação em Educação Física não pode mais rescindir-se de uma educação filosófica, que auxilie o aluno a relacionar a sua pesquisa com a imensa crise civilizacional que vivemos, que religue indivíduo e sociedade. Para que o aluno/pesquisador possa compreender que a separação homem/natureza é a mesma separação corpo/mente. Para que ele perceba que lutar contra o dualismo corpo/mente, é lutar por um outro mundo possível. Que lutar pela autoria no movimento - que tem vivido de estereótipos e massificação - é lutar para superação de crise civilizacional, é lutar contra o sistema hegemônico por um outro mundo possível. Que lutar por uma nova concepção da saúde - coletiva, que considere todos os aspectos sociais e ambientais da doença e da saúde - é a mesma luta por um outro mundo possível.

Portanto, a Educação Física como ciência *da* prática, considerando sempre uma relação dinâmica e contraditória entre teoria e prática, desafia as atuais classificações das ciências em básicas e aplicadas e em ciências humanas e naturais. O convívio forçado das duas culturas dentro de uma mesma área, estimula a busca de superação para uma terceira cultura, integradora, transdisciplinar, necessariamente apoiada numa *ecologia dos saberes*. A educação do aluno/pesquisador nos Cursos de Pós-Graduação em Educação Física, se apoiado numa matriz epistêmica transdisciplinar e complexa, que religue antigos dualismos, que reedifique inteligência e sensibilidade, pode gerar pesquisas vivas, necessárias, contextualizadas, concretas. Dessa forma, a produção

científica em Educação Física poderá efetivamente contribuir na construção de um outro mundo possível, dentro de um novo paradigma científico.

Esse novo paradigma científico ainda não convalidou sua capacidade de fornecer respostas para a crise, pois ainda está sendo gestado. Mas, uma certeza já é possível ter: o modo tradicional de operação da ciência baseado na quantificação e controle da natureza não é mais viável. Um novo mundo é possível, com uma nova ciência e uma nova tecnologia. Um novo mundo é possível com uma nova Educação Física e uma nova produção científica na área. Precisamos ser sujeitos deste partejamento.

## Referências

ANTÔNIO, S. *Educação e Transdisciplinaridade*. Rio de Janeiro, Editora Lucena, 2002.

\_\_\_\_\_. *Educação e epistemologia: uma nova escuta poética*, no prelo.

BETTI, M. Educação Física como prática científica e prática pedagógica: reflexões à luz da filosofia da ciência. In: *Rev. Bras. Educ. Fís. Esp.*, São Paulo, v19, n.3, p.183-97, jul/set 2005.

\_\_\_\_\_. Por uma teoria da prática. *Motus Corporis*, Rio de Janeiro, v.3, n.2, p.73-127, 1996.

FREITAS, L. C. *Crítica da organização do trabalho pedagógico e da didática*. Campinas: Papirus, 1995.

<http://www.forumsocialmundial.org.br>. Acesso em: 20/02/2009.

SANTOS, B. S. *O Fórum Social Mundial: manual de uso*. São Paulo: Cortez, 2005.

\_\_\_\_\_. *Um discurso sobre as ciências*. Porto: Afrontamento, 1996.

SÁNCHEZ GAMBOA, S. *Epistemologia da Educação Física: as inter-relações necessárias*. Maceió: UFAL, 2007.

SÉRGIO, M. *Alguns olhares sobre o corpo*. Lisboa: Instituto Piaget, 2003.

\_\_\_\_\_. *Para uma epistemologia da motricidade humana: prolegômenos a uma ciência do homem*. Lisboa: Compendium, 1987.

SAVIANI, D. *Pedagogia histórico crítica*. São Paulo: Cortez/AA, 1991.